

# RelevO

**10/16**

n.2 a.7 PR



4 Borges Neto/Pagani  
8 Krishnamurti Anjos  
9 Rejane Machado

10 Rita Santana  
14 Alanna Camargo  
17 Vladimir Suvorov

18 Pedro Carrano  
19 Greta Benitez  
22 Dan Porto

23 Diego Antonelli  
24 Jim Morrison  
Aline Moraes

# Editorial

Abrimos o nosso ano 7.

Quase cem edições depois, pouco mudou.

Bem, algumas coisas mudaram na fachada.

Temos mais páginas, maior distribuição, mais assinantes, um grupo mais estabelecido de anunciantes.

Outros alicerces seguem no mesmo chão.

Seguimos não aceitando dinheiro público em nossas páginas.

Seguimos sem fins lucrativos e prestando contas de nossas movimentações.

Seguimos publicando autores e artistas novos, sem regionalismos.

Seguimos tesourando quem mistura a parte publicitária com a editorial.

Acrescentamos, a partir de 2014, um ombudsman – ouvidor do leitor – e pretendemos manter a instituição por entendê-la como fundamental no processo de crítica interna e externa de nosso periódico (e meio literário, num plano geral).

Também entendemos que as dificuldades de se manter um impresso em um segmento pautado pelo egocentrismo de boa parte de seus usuários e norteado pelos baixos índices de leitores não podem nos desanimar – nem iremos repercutir as precariedades financeiras, pois clichê.

Para além, ainda, de todos que silenciam nosso trabalho ou nos desconhecem mesmo, aqui estamos,

mais de 2500 dias depois, com o mesmo espírito contestador, o jornal que não toma vinhos caros em jantares inteligentes. O **RelevO** seguirá o mesmo impresso aleatório, estranho e pretensamente divertido de sempre. As piores dificuldades começam quando nos habilitamos a fazer algo como se preferire, dizia Huxley.

Uma boa leitura a todos.

## Onde

Você pode encontrar o **RelevO** em:

**Campo Largo:** Biblioteca Pública / Casa da Cultura / Museu Municipal/ Sebo Líder

**Contenda:** Biblioteca Pública / Panificadora Gaspar / Prefeitura Municipal

**Curitiba:** 4beans/ Livraria Arte & Letra / Baba Salim / Bar da Produção / Bar Fidel / Bardo Tatára / Biblioteca do Paço / Biblioteca Pública do Paraná / Bristol Hotel /Brooklyn Café (Vicente Machado) / Brooklyn Café (Trajano Reis) / Café Avenida / Café do Teatro / Café Express / Café Mafalda / Casa Verde / Colégio Medianeira / Faculdades Santa Cruz / Fingen Café / Fran's Café / Full Jazz / Gazeta do Povo / Joaquim Livraria / Kapelle Bar / Lado B / Livraria do Chaim / O Torto Bar / PUC / Panificadora Provence / Rause Café / Sindijor / Tuboteca / Unibrasil / UP / Universidade Tuiuti / UFPR / UTFPR / Uniandrade / Wake Up Colab / Itiban

Quer ser um ponto de distribuição do periódico mais prestigiado pela família brasileira?

Escreva para <[jornalrelevo@gmail.com](mailto:jornalrelevo@gmail.com)>

## “Como faiz?”

Escreva para [jornalrelevo@gmail.com](mailto:jornalrelevo@gmail.com) e assine o impresso independente que mais faz a cabeça da galera!

**MIM ACHER também aqui:**

[instagram.com/jornalrelevo](https://www.instagram.com/jornalrelevo)

[facebook.com/jornal.relevo](https://www.facebook.com/jornal.relevo)

[twitter.com/jornalrelevo](https://twitter.com/jornalrelevo)

[jornalrelevo.tumblr.com](https://jornalrelevo.tumblr.com)

## Quem mais

Nessa edição, todas as imagens são da Aline Moraes.

Não deixe de apreciar o trabalho dela também na interwebs:

<[flickr.com/photos/ivanovick/](https://www.flickr.com/photos/ivanovick/)>

## Por que

Há muitas razões para anunciar no **RelevO**. Nossos anúncios são bonitos, feitos por artistas plásticos de coração bom e que atravessam na faixa.

Custam pouco – entre 50 e 100 reais – e o anúncio é visto por 3.500 leitores no impresso e aproximadamente 12 mil na edição online. Além de tudo, sua empresa ou empreendimento pessoal auxilia a nos manter independente e longe dos precatórios.

Anunciar aqui é simples *demais*. Como sempre, basta entrar em contato por email ou enviar sinais de fumaça.

## Quem

**Editor** Daniel Zanella

**Editor-assistente** Mateus Ribeirete

**Ombudsman** Silvio Demétrio

**Revisão** Mateus Senna

**Projeto Gráfico** Marceli Mengarda

**Impressão** Gráfica Exceuni

**Tiragem** 3.500

Edição finalizada em 02/10/16

## Quanto

**Anunciantes:** R\$ 350 Allejo; R\$ 200 Carlos Pessoa Rosa; R\$ 150 Bruno Meirinho; R\$ 100 Editora Penalux; Bardo Tatára; R\$ 50 Fisk; Loterias Avenida; Avon; Ehlkefarma; Torto Bar; Toda Letra (total: R\$ 1.200)

**Assinantes:** R\$ 50 Ana Luiza Figueiredo; Camile Triska; Fernando Koproski; Andréia Gavita; Bruno Molinero; Clemilton Carvalho; Júnior Pereira; Leonardo Barroso; Henrique Pitt; Ivan Justen Santana; Ivan Ivanovick; Pedro Spigolon; Juliana Lanzarini; Claudio Parreira; Sofia Ricciardi; Carlos Almeida; Claudia Sater; Fernando Fiorese; Rafael Antunes; Julia de Cunto (total: R\$ 1.000)

**Gráfica:** R\$ 1.100

**Distribuição:** R\$ 250

**Assinantes:** R\$ 350

**Papelaria:** R\$ 100

**Custos totais:** R\$ 1.800

**Receita total:** R\$ 2.200

**Balanço de set. 2016:** R\$ 400

## Cartas do Leitor

### NÃO ÀS CARTAS DO LEITOR

**Juliana Lanzarini:** Olá, pessoal! Segue poema inédito para apreciação. Não está errado. Ele não tem título. Caso publiquem, por gentileza, ficaria feliz se a ilustração fosse escolhida com carinho. Se necessário, encomendo uma. Ah, me avisem se render elogios ou cartas. Essa é a única parte do jornal que não leio. Abraços.

*Da redação: Combinado, Juliana!*

### REVELAÇÕES

**Célio Borba:** Interessante e revelador o artigo de Bolívar Escobar, que mostra um pouco da face oculta de poemas!

### 7 ANOS DE DESGRAÇAMENTO

**Dinovaldo Gilioli:** Nesse tempo muita coisa rolou. Não é mesmo? Imagino quantas vezes pensaram em desistir. Mas, aos trancos e barrancos, o **RelevO** segue dando seu recado. É muito bacana um jornal literário alcançar 7 anos. Desejo que **RelevO** prossiga sua caminhada, até quando valer a pena! Fraternal abraço.

**Marisa Bueloni:** Espero que a ideia

frutifique e que o jornal se mantenha! Um abraço a todos.

**Helena Salvador:** ta mtmtmt bacana.

**Thiago Schwartz:** O engraçado é que o O é maiúsculo, mesmo estando no final da palavra!

### RELEVOS, ENCLAVES E FALÉSIAS

**Orlando Paulo:** Vocês aceitam artigos de geografia?

*Da redação: Sim!*

**Ingrid Lourenço:** Tudo bem por aí? Sou estudante de Jornalismo e de Letras-Português. Assinei a Enclave, a newsletter do **RelevO**, e gostei muito das publicações que encontrei por lá. Os posts me alegram e saber que existem pessoas com tamanha criatividade vivendo por aqui deixa meus dias melhores.

**Rejane Machado:** Muito interessante o debate de ideias da Enclave. Da diversidade deve nascer a luz. Aprecio especialmente a abertura de vocês, a liberdade. Bom haver um espaço que abrigue opiniões. Parabéns!

**Matheus Juzé:** A Enclave é um material nutritivo, de fato.

### CENTRAIS

**Rodrigo Genaro:** Gostei das poetizações que não dizem absolutamente nada.

## Enclave

#39 O envolvimento da música com a criminalidade não é de maneira alguma uma novidade, muito menos uma surpresa. Movimentos como o hip-hop (difundido dos EUA a todos os cantos do mundo) e o funk proibido das favelas cariocas são exemplos desta ligação, e nomes como 50 Cent, Snoop Dogg e dos contrerâneos Mc Cidinho e Doca são facilmente lembrados quando o tema entra em questão. No entanto, dentre os diversos gêneros que abraçam o crime e a violência como matéria-prima para sua arte, os narcocorridos, apesar de pouco populares no Brasil, têm uma relação estranha com um dos mais famosos gêneros literários – e uma cronologia pra lá de curiosa.

Originado do tradicional norteño-corrído, o qual por muito tempo se apropriou da temática da revolução mexicana para homenagear heróis revolucionários e que, por sua vez, foi inspirado pelo romance espanhol (vide Dom Quixote, herói um tanto peculiar), os narcocorridos também buscam mimosear “heróis” muito subversivos: os narcotraficantes. Tendo como casa o México, o gênero musical se espalhou por toda a América, e por isso nomes como o do colombiano Pablo Escobar

(ouça El Patrón) ou do maior narco da atualidade, Chapo Guzmán (veja esta lista), são frequentes nas líricas proibidas dos narcocorridos, que sempre se utilizam de acontecimentos reais para dar corpo às suas letras.

Acontece que nem só de ídolos e figurões do submundo vivem os corridos. O documentário Narco Cultura mostra como traficantes “menores” buscam cantores do gênero para encomendar canções que falem de si mesmos e de suas pequenas vitórias – nada mais justo do que um gênero musical criminal se vender por muita prata. Os narcocorridos são apenas um aspecto da abrangente cultura narcotraficante, que há muito tempo já se vê como uma forma e aspiração de vida para muitos.

#38 Há quem corra quando ameaçado. Há quem lute e, enfim, há quem apenas apanhe. O *Cordylus cataphractus*, por sua vez, morde a própria cauda. Esse lagarto ridiculamente adorável, não por acaso chamado de lagarto ouroboros (e, também, de lagarto-tatu), forma uma bolinha que, naturalmente pontuda, protege barriga e pescoço, dificultando a vida de quem nele encosta. Encontrado na região de Karoo, África do Sul, o *Cordylus cataphractus* cabe na palma na mão.

# A interpretação dos prossintagmas

José Borges Neto/Luiz Arthur Pagani

## 1. INTRODUÇÃO

Num texto notável, publicado em 1981, Rodolfo Ilari discutiu (entre outras coisas) um fenômeno semântico conhecido como “ambiguidade de identidade estrita ou fajuta” (em inglês, *strict/sloppy identity*). Além de mostrar que a proposta de tratamento das relações anafóricas presente em Jackendoff é absolutamente inadequada para o tratamento destes casos de ambiguidade, Ilari constrói um tratamento para os dados do português no quadro de uma Gramática Categorial (GC), usando a teoria proposta por David Lewis.

A análise proposta por Ilari, no entanto, embora basicamente correta do ponto de vista empírico, sofre com a escolha teórica feita: a versão da GC proposta por Lewis apresenta problemas de arquitetura insanáveis, que se transmitem aos mecanismos explicativos propostos por Ilari. Nossa proposta, no presente texto, é fazer a revisão da análise de Ilari no quadro de uma versão mais moderna – e mais consistente – da GC.

## 2. A AMBIGUIDADE DE IDENTIDADE ESTRITA E FAJUTA

Identificada por Peter Geach, a questão da identidade estrita ou fajuta tem a ver com a interpretação de sentenças como as seguintes:

- (1) *Pedro bateu em sua mulher e José fez o mesmo.*  
 (2) *Pedro bateu em sua mulher e José também.*  
 (3) *Pedro declarou que ele não tinha escrito a carta comprometedora e José*

*fez o mesmo.*

- (4) *Somente Pedro fala de si mesmo.*  
 (5) *Pedro bateu em sua mulher e José não.*

Todas as sentenças admitem, ao menos, duas interpretações. As sentenças (1) e (2) são equivalentes e podem significar tanto que Pedro e José bateram, cada um, em sua própria mulher, quanto significar que Pedro e José bateram na mulher de Pedro. A sentença (3) pode significar que Pedro e José declararam não terem escrito a carta comprometedora e também pode significar que Pedro declarou que ele (ele próprio ou uma terceira pessoa) não tinha escrito a carta comprometedora e José confirmou a declaração. É importante destacar que, neste caso, se Pedro declara que uma terceira pessoa – digamos, João – escreveu a carta, o que José faz é declarar exatamente a mesma coisa. Em (4), podemos reconhecer uma leitura em que se afirma que ninguém, a não ser Pedro, fala de si mesmo e uma outra leitura em que se afirma que ninguém, a não ser Pedro, fala de Pedro. A sentença (5), de certo modo, tem um comportamento semelhante às sentenças (1) e (2), exceto que a ação de José é exatamente contrária à de Pedro, ou seja, se Pedro bate em sua mulher, José ou não bate na mulher de Pedro ou não bate em sua própria mulher.

Embora todas as cinco sentenças sejam exemplos de ambiguidade de identidade estrita ou fajuta, elas apresentam estruturas sintáticas distintas. Vamos começar com (1) e (2).

Em (1) temos um caso de

prossintagma verbal, na terminologia de Ilari. A expressão *fazer o mesmo* é um anafórico que tem um SV como antecedente. Exatamente como um pronome retoma um SN no co-texto (ou no contexto), um prossintagma verbal retoma um SV. Em (2), por outro lado, não temos um prossintagma verbal. A expressão também não é um anafórico que tem o SV como antecedente, uma vez que pode co-ocorrer com ele (ou com partes dele). Os casos de (6) confirmam isso:

- (6) *a. Pedro bateu em sua mulher e José também.*  
*b. Pedro bateu em sua mulher e José também bateu.*  
*c. Pedro bateu em sua mulher e José também bateu em sua mulher.*

1. A maior parte dos exemplos é do texto de Ilari (a exceção é o exemplo 5).

2. Ilari enumera uma série de outros prossintagmas verbais, além de *fazer o mesmo*, como *acontecer o mesmo*, *dizer o mesmo*, *dar-se o mesmo*, *valer o mesmo*, etc. Cada um deles caracteriza uma relação temática diferente entre o SN sujeito e o SV da sentença.

Com os verdadeiros prossintagmas verbais, essa co-ocorrência é impossível.

- (7) *a. Pedro bateu em sua mulher e José fez o mesmo.*  
*b. Pedro bateu em sua mulher e \*José fez o mesmo bateu.*  
*c. Pedro bateu em sua mulher e \*José fez o mesmo bateu em sua mulher.*

Segundo Ilari, então, nos casos como (2) (com o também) podemos

falar em elipse do SV e nos casos como (1) (com prossintagmas verbais) podemos falar em substituição do SV. O comportamento de (5) é idêntico ao de (2), isto é, trata-se de um caso de elipse de SV.

Os exemplos de (8) confirmam isso: (8) *a. Pedro bateu em sua mulher e José não.*

*b. Pedro bateu em sua mulher e José não bateu.*

*c. Pedro bateu em sua mulher e José não bateu em sua mulher.*

Em (3) temos novamente um caso de prossintagma verbal, mas em (4) não temos nem elipse de SV nem prossintagma verbal. A ambiguidade reconhecida em (4) deve resultar da composição de uma sentença com reflexivo (Pedro fala de si mesmo) e uma “partícula de exclusão” (somente).

Em todos os casos, no entanto, a ambiguidade de identidade estrita ou fajuta reconhecida nos cinco exemplos depende crucialmente da presença, na sentença, de um elemento anafórico que admita uma dupla interpretação. Em (1), (2) e (5), esse elemento é o possessivo *sua*; em (3), esse elemento é o pronome *ele*; e em (4) é o reflexivo *si mesmo*. A ambiguidade, portanto, não tem origem nem no prossintagma verbal (nos casos (1) e (3)), nem no SV elíptico (nos casos (2) e (5)); nem na partícula de exclusão (no caso (4)).

Artigo originalmente publicado em *Cadernos de Estudos Linguísticos da Unicamp* – Jul./Dez. 2010.

# “E”

Ombudsman • Silvio Demétrio

É uma grande cilada. A ideia de concorrência que, na dimensão do senso comum, quase sempre fica restrita a um sentido de competição, de disputa. Essa é a superfície do termo que vigora pela repetição em uma quantidade considerável de momentos do cotidiano. É como quando pensamos políticos concorrendo a um cargo. Uma eleição é uma concorrência.

Da mesma forma, concorrem empresas no mercado. Espécies na natureza. Ideologias pelo poder. Concorremos na medida exata daquilo que coloca o outro como contradição. Como contrário. E como tal deve ser sobrepujado. Parafraseando Klausewitz sobre a guerra, é possível dizer que o mercado é a luta pela sobrevivência na natureza continuada por outros meios. Uma condição do “todos contra todos”.

Quanta pobreza.

Não há sentido algum em pensar nada relativo à arte e à cultura desse ponto de vista. Ainda mais quando o objeto é uma publicação ou outra. Não há competição. Não há disputa. Coisas como “Guimarães Rosa X Machado de Assis”. Houve um momento assim do jornalismo cultural brasileiro. Não há “melhor”. Não há “vencedor”. Tudo isso é uma tremenda de uma falsa questão.

A arte e a cultura formam sempre uma síntese conjuntiva – conceito que está lá em O Anti-Édipo de Deluze e Guattari. O “E” agencia um termo ao outro. Tudo o mais é puro espírito de gincana. Coisa para quem

nutre preferências por quermesses. Diga-me com quem competes que eu te direi que isso é uma besteira.

E uma das coisas que mais me cativa no **RelevO** é que ele é impermeável a esse espírito de gincana. Ninguém é nem quer ser melhor que ninguém. Aqui todos são melhores. Até os que não estão aqui. Até os que não acreditam nisso e são contra, porque uma síntese conjuntiva é assim. É um agenciamento maquínico do desejo. É algo que coloca as coisas para produzir.

O desejo é assim. Uma força que os pré-socráticos chamavam muitas vezes de amor – o império de Eros. Quem ama se liga. A conexão como procedimento. Se existe uma concorrência então é sob um novo sentido. Correr em companhia. Correr juntos. Correr “com”. Concorrer é colocar-se em movimento mútuo. Movimentar-se no plural. Co-mover-se.

A arte e a poesia não buscam outra coisa. Aquilo que se compreende por intermédio de uma comoção estética. O movimento, a pulsação que se estabelece e reverbera entre o coração da obra e daquele que a frui. É uma compreensão pelos sentidos. Não há como mensurar. Aqui a ordem do valor é puramente qualitativa. Antes de tudo, qualquer signo na arte é um qualissigno. Uma intensidade. Indomável completamente pela razão. Tal como uma experiência religiosa, incomunicável. Singular.

Singularidades não competem. Não se disputam. Apenas se

afirmam em sua plena potência. É de singularidades que se constrói o múltiplo. Como qualquer relevo – a topologia como expressão da diferença, assim como na música acontece com os timbres (qualidade que torna único cada instrumento tal como única é cada voz).

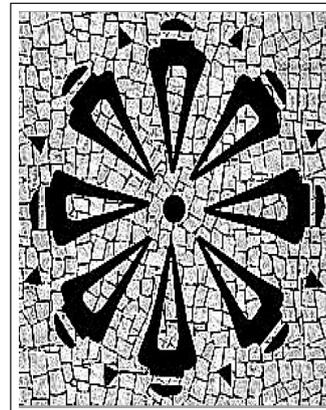
Arte não se troca. Poesia não se quantifica. Não se pode entender nada em estética senão pelo viés do valor de uso. As singularidades como fundamento e historicidade. Só existe um mercado em relação a isso como algo externo, como uma lógica estrangeira que se impõe sobre a produção de quem trabalha o sentido como matéria prima.

É nessa dimensão que a arte e a poesia podem contribuir plenamente para uma volatilização desse panorama canhestro que vivemos nesses dias de muita política e tão pouca beleza. Uma pedagogia da diferença e do convívio inclusivo. Chega de tanto mercado. Essa tristeza e solidão de quem quer ser melhor a qualquer custo. Ser singular é nunca ser só por se estar sempre no plural, na multiplicidade. Só existe paisagem para se ver quando há **RelevO**. Viva a Relevância de cada um, de todos. Viva a paciência do editor que esperou pela confusão deste que vos escreve para que o jornal contivesse também esse texto escrito a suor e sangue no começo de uma noite abafada de domingo sem inspiração e qualquer insight. Acima de tudo, viva a vontade de viver para além das sombras desse oco histórico no qual nos metemos. Só a arte liberta.



A **cor e a textura de uma folha em branco** é o livro de contos de Carlos Pessoa Rosa, premiado pela UBE/CEPE, em 1998. O autor é médico-escritor, poeta, contista, ensaísta, considerado entre os 20 melhores contistas pela Rádio Francesa Internacional. Publicou também "Sobre o nome dado", "Histórias que o povo conta, mas de seu jeito de contar" pelo Coletivo Dulcinéia Catadora, de São Paulo, e "Una Casa Bien Abierta", texto infantil, pela pequeno editor, de Buenos Aires. Tem trabalhos publicados em várias revistas literárias e coletâneas.

Para adquirir o livro: [www.amazon.com](http://www.amazon.com)



## ADVOCACIA

Bruno César Deschamps Meirinho (OAB/PR 48.641)

CONSUMIDOR - CÍVEL - FAMÍLIA -  
CONTRATOS - TRABALHISTA

Rua da Glória, 72, Sala 510,  
Alto da Glória, Curitiba  
(41) 8440-5050 [OI] / (41) 9839-4529 [TIM]

(41) 3552-5895 (41) 3552-1542



PRAÇA VICENTE MACHADO, 188, CENTRO  
ARAUCÁRIA-PR



(41) 21 42 4428

Farmácia Ehrkeforma

# FISK

CENTRO DE ENSINO

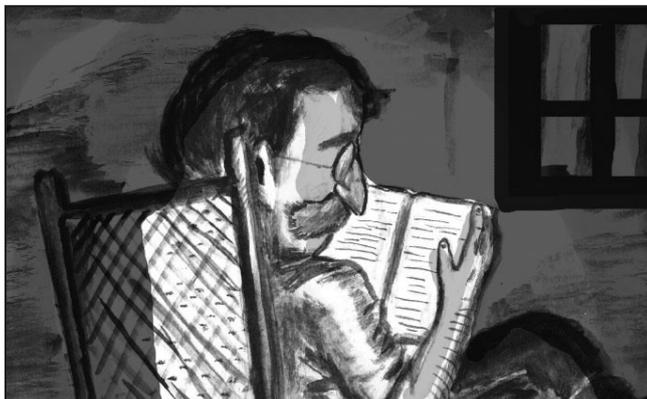
3642-3690

3031-7040

R. JOÃO PESSOA, 35 – ARAUCÁRIA/PR



Alan Amorim



A editora completa 4 anos de atividades, contando com mais de 330 títulos no catálogo – livros publicados em praticamente todo o território nacional (presença autoral em 21 estados, mais o Distrito Federal).

Editora  
**Penalux**  
Porque livros iluminam

Conheça nosso trabalho, acessando  
[www.editorapenalux.com.br](http://www.editorapenalux.com.br) e  
[facebook.com/penaluxpenalux](https://facebook.com/penaluxpenalux).

Para envio de originais:  
[originais@editorapenalux.com.br](mailto:originais@editorapenalux.com.br)



**PATUÁ**  
 EDITORA  
 LIVROS SÃO AMULETOS  
[www.editorapatua.com.br](http://www.editorapatua.com.br)



espaço **Casa**  
[casaartesvisuais.art.br](http://casaartesvisuais.art.br)

APRESENTAÇÃO ARLINDO MAGRÃO  
 E-PARANÁAM 630 | DOMINGO - 13H



AVENIDA MANOEL RIBAS, 2532  
 ARAUCÁRIA PR | (41) 3643-4881



(41) 3031-2357 (41) 9663-7557



Luiz Otávio Prendin Costa



Seja o diretor do teatro da sua vida.

**O SENHOR** da  
*minha história*  
 de Carlyle Popp

[www.editorainverso.com.br](http://www.editorainverso.com.br)



**LIVROS | VINIS**  
**JOAQUIM LIVRARIA & SEBO**  
 RUA ALFREDO BUFREN, 51 | CENTRO | CURITIBA, PR

Fábio Tokumoto/Carol Zanelatto

# Chão de areia movediça

Krishnamurti Góes dos Anjos

Após chegarmos à última página do livro de contos *O chão que em mim se move*, do escritor Carlos Barbosa (Editora Penalux, 2016) surge-nos a imagem de areias movediças, aquele fenômeno natural no qual a areia, por estar embebida em água, não oferece resistência a animais, pessoas ou objetos e traga-os para a morte. Antes de uma explicação da metáfora da areia movediça, cumpre situar a literatura do autor.

Fiel à ambiência que o modelou, Carlos Barbosa (também romancista), não sonega suas raízes nordestinas, apesar do pendor para a análise psicossocial. Tem em relação a sua região (Centro-Oeste) da Bahia um repertório de lembranças, vivências e flashes de infância, que aparecem nos contos e revelam um prosador de temperamento e origens regionais. Como regional, se entenda também uma literatura que, por suas amplas inquiuições existenciais, transborda do espaço ficcional sugerido pela geografia em que se localiza. Parte do localismo para o universal, empreende a sondagem da alma humana através da auscultação de uma determinada zona geográfica.

Suas narrativas são estruturadas com extrema simplicidade, numa prosa que tem o colorido brasileiro, e recorre à oralidade, seja captando falares ou reproduzindo ditos e máximas populares que traduzem a sabedoria dos humildes. Da fusão das personagens com a terra, dos homens com o cenário, sai o drama que espelha a condição humana e legitima-se como literatura da mais alta qualidade. As histórias curtas admitem mais de um ponto de vista, mais de um ângulo de enfoque. E o ângulo que cumpre analisar, e que nos remete à metáfora da areia movediça, é aquele que fecha um

círculo onde a realidade se apoia na História, passa pelo contemporâneo dos sertões esquecidos e projeta-se em perspectiva de futuro nefasto em um entrelaçamento de causa e efeito. Três contos ajudam-nos a explicar:

Em “O interrogatório”, o velho sertanejo Silvino, homem rude, trabalhador e honesto, que dedicou toda sua vida a cuidar da família e que aprendera com o pai “tudo que é trabalho de homem do campo”, enquanto espera o delegado que o interrogará, preocupa-se com a sorte de seus filhos também detidos. “No tempo de Horácio de Matos coisa assim não sucederia. Ele, Silvino, iria ter com Horácio em Brotas, ou na trincheira que estivesse, e diria, meus filhos sumiram faz três dias e não sei do destino deles, pois na roça ocupado estava. Horácio lhe diria para ficar despreocupado, que tomaria as providências, que gente dele não passava aperto, e chamaria um de seus homens e determinaria investigações”. Mais adiante ficamos sabendo que o coronel Horácio de Matos (personagem que realmente existiu), em verdade não pertenceu à sua geração, mas a de seu pai – vejam a força do mito a atravessar gerações. Matos (1882-1931) foi um poderoso político e coronel do sertão baiano (o uso de forças particulares nos sertões se explica pela falta do Estado, onde, especialmente pelas grandes distâncias, não alcançavam as forças regulares e estruturas estatais. O jagunço e o número dele à disposição dos chefes políticos era símbolo de status quo). O mando deste coronel chegou a constituir governo paralelo ao da capital. Pois bem; mais adiante ficamos estarecidos ao nos depararmos com o pensamento de Silvino: “pelo menos um bom advogado vamos ter, eu e os meninos. A plantação perdida, as encomendas desatendidas. Será que

já queimaram tudo ou vão fazer como da outra feita: encher caminhão com os pés de maconha, botar a gente em cima, algemados, cano de escopeta no cangote, e desfilar pelas ruas pra exemplar?!”

O conto “Queimada” inicia com: “A suspeita era a de que havia armas escondidas na serra da Cristalina. Armas que os subversivos cuidaram de trazer e guardar para os inevitáveis enfrentamentos com os milicos da ditadura, mas que na precisa hora, ficaram para trás, na fuga que encetaram no ano de 1971”. Esta introdução acaba por nos apresentar a outro homem velho, alquebrado, que caminha na serra da Cristalina a procura de algo. A narrativa nos induz a pensar que se trata de alguém que, de alguma forma, participou das guerrilhas contra a ditadura militar, pensamento que o trecho “veio-lhe à mente a sucessão de torturas sofridas, o pau-de-arara, o corpo esfolado, as unhas...” confirmam. O homem não procura armas, mas encontra uma arca onde estão guardadas lembranças daquele tempo de resistência. Em dado momento, pensa: “... é melhor caminhar por essas picadas até cansar o juízo, até não lembrar mais que em outros tempos meus filhos por ela cruzaram, alegres e esperançosos, até não me lembrar mais o motivo de assim proceder, até que restem entregues ao mato que as cobrirá por falta de pés e patas que as definam e as mantenham desimpedidas. E tudo se acabará porque nada pôde ser modificado quando foi tempo de fazê-lo”.

E finalmente, o conto “Corpo de pai”, onde transparece o lirismo de uma ficção “fantástica”. Ali, as consequências ficcionais são múltiplas, há como que um redimensionamento do tema (o homem sertanejo explorado), surgindo uma alegoria que não fica explicada. Somente o absurdo

# Cinco minutos

**Rejane Machado**

posto. Não fica explicada, vale dizer, porque não se define a inércia do não querer/poder mudar o próprio destino. O personagem Lívio volta seu pensamento para o corpo do pai morto. “O corpo do pai no caixão de papelão grosso, à sua frente, era mais que uma imagem dolorosa. O governo corporativo havia autorizado a cerimônia pública na antiga catedral, pois o pai de Lívio era um dos ‘remanescentes’, como eram chamados os que não deviam obrigações a waterCo, companhia japonesa concessionária do trecho do rio em Bom Jardim IV”.

Dessa forma, seja desnudando o fragor de conflitos íntimos quanto à solidariedade que negamos ao próximo, como no excepcional “O encontro”, ou nos desajustes da personalidade acuada ante as impossibilidades e desilusões do meio, de que é exemplo pujante o conto “Vertigem”, ou ainda a exposição de uma consciência que dá seu testemunho de uma dor que é coletiva (tenha-se ou não consciência disto), como ocorre no já citado “Queimada”, a preocupação básica de Carlos Barbosa com a criatura é permanente. A base humana é seu lastro. Não importa precisamente o meio rude do sertão em suas possibilidades descritivas, mas sim, as consequências que a completa falta de perspectivas de mudança acarreta no coração sertanejo, ainda hoje a viver uma miserável condição social. Este o sentido do humano nas diversas imagens do homem que o autor dá cor, dimensão e vida.

O chão que se move no interior do Brasil é o das areias movediças que não permitem, e continuam a negar a incontáveis gerações, o exercício simples de uma cidadania. Alerta veemente também a lembrar, aquilo que Millôr Fernandes sentenciou: “O Brasil tem um enorme passado pela frente”.

Há algum tempo, a campainha. Em meio ao silêncio, o som, semelhante a uma fina lâmina, incomodava e crescia. Nem seis horas ainda. O frio agredindo, a solidão a espreitar, fazendo-se presente como algo que estava ali, que fazia parte do espaço, preenchendo o ar, mostrando que não se fora, que não se iria jamais de sua vida, como elemento do destino que se grudara ao seu ser, à sua consciência. O som da campainha insistia, o tempo dilatado; não se haviam passado mais que alguns segundos entre o ruído que o arrancara das profundezas do sonho e o gesto mecânico de levar a mão à cabeceira e retirar o fone.

- Alô? A voz não precisou de confirmações. Sabia a quem pertencia, tinha certeza absoluta, inútil fazer perguntas óbvias, cumprir o que se programou fazer, dar a notícia, que, apesar de remotamente esperada, se constituía brutal surpresa naquele momento e circunstância, como um soco que se recebe vindo de um desconhecido, de um lugar escuro, sem motivo.

Começou a doer muito, imprecisamente, apesar. E vieram os detalhes, dia e hora, e a cobrança das providências forçosas que deveriam ser tomadas - nesses casos não se pode fugir aos procedimentos desagradáveis, dolorosos, hábitos

há muito integrados à vida humana, rituais necessários e inexoráveis, entretanto, de suma crueldade. Pousou o fone no gancho.

O silêncio voltou com toda força. Na penumbra do quarto os objetos iam-se delineando aos poucos, à medida que os identificava: a cama, o armário, as mesinhas de cabeceira, papéis sobre a escrivaninha, os livros na estante.

Precisava levantar-se, provocar ruídos, correr as cortinas, fazer entrar muita luz, espantar a noite que fora tão brutalmente interrompida, deixando aquele travo na boca. E reintegrar-se na vida, cumprir os rituais, desincumbir-se das novas obrigações que aquele fato acarretava.

Começou a debater-se com uma ideia que lhe surgia: ausente há tanto tempo, por que precisaria comparecer a evento tão característico de união familiar? Não mais fazia parte daquele grupo. Não sabia dos sucessos ou fracassos deles, não testemunhara chegadas ou partidas, integração de novos membros, inaugurações e encerramentos de acontecimentos corriqueiros, entretanto, tremendamente necessários à persistência de comunidades fechadas; nada sabia de nascimentos, formaturas, sucessos daquela clã que já não sentia sua.

Não experimentara expectativas

por fatos a acontecer, por mudanças radicais, não o contemplaram preocupações pelo momento seguinte; nem alegrias desmedidas, nem tristezas sem remédio.

Escolhera viver à parte, assumindo seu deserto e suas decepções, suas carências e seus transbordamentos. Só. Como uma árvore no meio de um deserto, atraindo os raios da intempérie.

Com que direito o descobriam, agora, e o integravam tão brutalmente àquela vida estranha, para perturbar a solidão que elegera substituta daquele tumulto anterior?

Levantou-se, começou a cumprir os ritos do dia. Os pensamentos se atropelavam. Dedicou-se às benéficas abluções. A água fria escorrendo cabeça abaixo trouxe inesperado conforto. Parecia pensar mais claramente à proporção que o dia se adiantava. As reflexões se tornavam mais razoáveis.

Sim, necessário pesar as circunstâncias. Não sair correndo, criando um problema muito maior do que o que já existia. Existia mesmo? – e que era, afinal, uma circunstância natural da vida – todos os dias nascem pessoas e morrem pessoas.

Depois de tanto tempo, não lhe seria muito fácil aparecer aos olhos de todas aquelas criaturas, receber e retribuir abraços, ouvir consolações inadequadas e indevidas, pois realmente não existia nenhum sentimento verdadeiro a cultivar e ser olhado, comentado, como um bicho raro, concentrando as atenções que

voltariam todas para o grande pai que não conseguira a união perfeita entre a família. Seria foco de curiosidade malsã, veria nos olhos de todos a interrogação sem palavras por sua vida misteriosa e distante.

Haveria muitas perguntas – e difíceis ou impossíveis respostas. Nos olhares e murmúrios o julgamento dos seus atos. E a inevitável cobrança: assumir seu lugar. Mas que lugar seria esse, vago há tanto tempo? Se até aqui não fizera falta a ninguém. Como não existisse. O sol nascera-lhes todos os dias, e a chuva os beneficiara. A ordem do existir não fora jamais alterada; em suma, não fizera, realmente, falta a ninguém. Eram agora inteiramente desconhecidos, nem mesmo seria capaz de nomeá-los todos.

Começou a pensar que não deveria ir. O acontecimento não lhe dizia respeito. Conquistara, com muito pesar e sacrifício, o direito ao distanciamento, e não pretendia reverter nenhuma situação. Porque sabia que as coisas não têm volta. Que o tempo engolfara aquela parte da sua vida com eles, tornando-os estranhos. Nada mais o prendia àquele grupo.

Destampou a garrafa térmica e verteu um pouco de café na xícara. Procurou o açucareiro na geladeira. Sorveu com gosto a bebida quente, sentiu-se melhor.

Dois minutos depois, já vestido, feita a barba, verificou os documentos no bolso, apanhou as chaves, bateu a porta e saiu para a claridade da rua.

# Ácaros e culpas

## Rita Santana

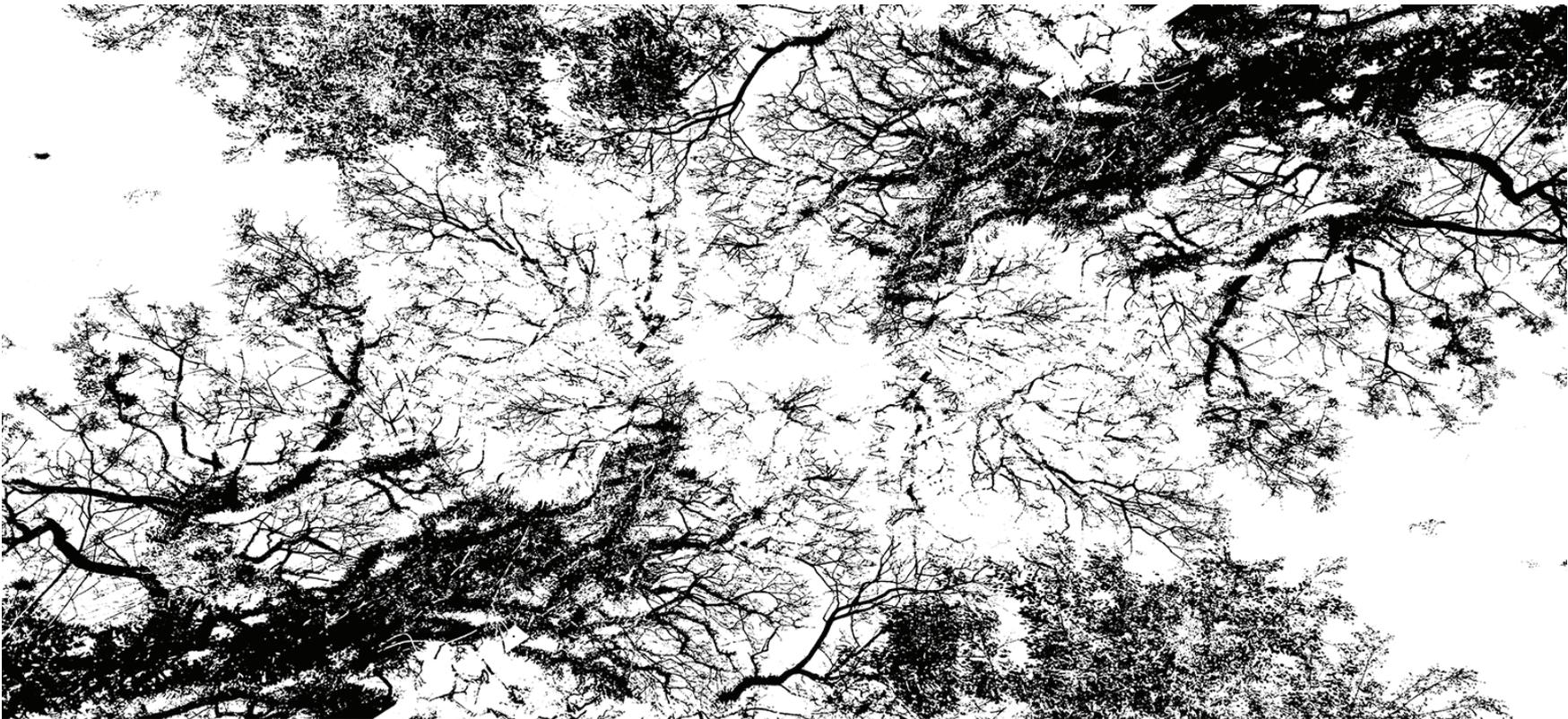
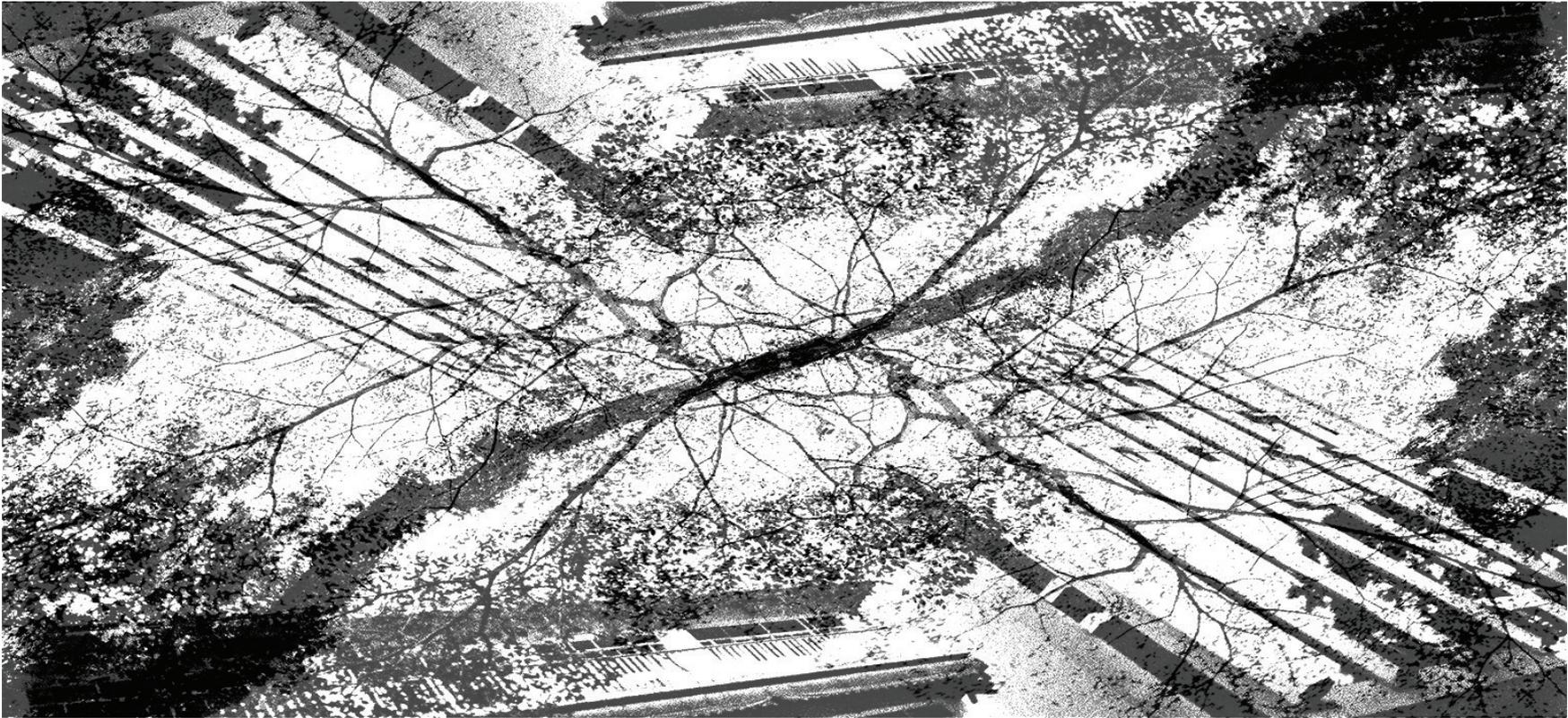
Eu descobri entre ácaros e culpas  
Que não sorrio há muitos rios e embarcações.  
O meu nome ficou entre o limo das pedras  
E você seguiu sem mim em diáspora sem par.  
Cavando velhos fósseis entre as lembranças  
Dos remorsos que carcomem a seiva dos sobreviventes.  
Deixando a herança inflada dos cansaços  
E a ira das ressacas deixadas pelos olhos de Capitu.

Você seguiu mascarando urtigas no meu velório.

E eu, como esta máquina de datilografia,  
Estou entregue, há anos, ao desamor  
*Das coisas apropriadas ao Abandono.\**

O meu sol, consolo não tem!  
Nem manchas vermelhas sobre a pele,  
Nem resfriamentos no inverno da carne,  
Nem meras subjetividades de palavras vazias.

\* BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*.



## Laboratório de Criação Cultural Para Vender na Faculdade

Com o propósito de redefinir conceitos, transbordar empatia, aproximar negros de brancos e criar laços econômicos com estudantes de Humanas do período da tarde, o Laboratório de Criação Cultural Para Vender na Faculdade apresentará técnicas para fazer artesanato com brita e bolos caseiros a cinco reais a pequena fatia.

**Quando:** Depois da aula.

**Duração:** Enquanto não vender todos os sanduíches naturais de sete reais.

**Vagas:** De acordo com o número de pessoas com cabelos metodicamente despenteados.

## Simpósio Goleiro Alisson

Neste simpósio, dezenas de especialistas em estética e antropologia se reunirão para definir, de uma vez por todas, se o goleiro Alisson é bonito ou tão somente um homem alto de barba. Quais os limites entre um maxilar e o status de galã?

**Quando:** A definir.

**Duração:** Dois meses. Concluintes receberão certificado.

**Vagas:** 20 na linha.

## Bate-papo João Gordo ou Dado Dolabella: O Futuro Dirá Quem Foi Melhor

Passados 13 anos do momento mais célebre de toda a telecomunicação brasileira, um bate-papo formado por Noam Chomsky, Paul Krugman e um produtor de Gordo a Go-Go discutirá todas as reverberações sócio-culturais do confronto do século. Os primeiros 50 inscritos ganharão um roteiro com todas as falas de João Gordo e de Dado Dolabella.

**Quando:** "Eu trouxe aqui uns brinquedinhos". "Isso aqui é pra quê? Pra mim enfiá na tua bunda?"

**Duração:** Some daqui. Some daqui. Some daqui. Playboy filho da puta. Some daqui. Some daqui. Some daqui. Some daqui. Some daqui. Some daqui. Some daqui.

**Vagas:** "Dando pra você?". "É uma coisa que não sei se você tiver cérebro pra entender". "Ele quebrou minha mesa!"

## Panorama A Cena Curitiba No Final

Fãs de Sugar Kane e A-OK o para conversar sobre os m do final dos anos 90 e sim coquetéis alcoólicos que se da cidade. Em paralelo, a ainda devem comprar guit

**Quando:** Nas férias.

**Duração:** Até os filhos

**Vagas:** Dez + exemplar

## Workshop Jornal

Jornalistas desempregados artistas com diploma em p conversam de modo desco educação pelo estado TERR algum político estiver lá -, país melhor e mais crítico.

**Quando:** Depois do jog

**Duração:** Uma hora pa

**Vagas:** 5

## Oficina de Produ

Com apoio da Liga da

A partir de textos de Marx, Araújo e Marjorie Estiano, Ideológico pretende elabor reflexivo, capaz de estabe merece, apoiar a nossa cau entende o que é melhor pa preciso for e, sobretudo, co

**Quando:** À tarde.

**Duração:** Uma semana

**Vagas:** Livre se a nosso

## a Hardcore de Dos Anos 90

com mais de trinta anos se reúnem  
méritos artísticos do hardcore curitibano  
ular bebedeira com a reprodução de  
e vendiam nas antigas casas de shows  
discussão do dilema transgressor: pais  
arras para os filhos rebeldes?

acordarem.  
es da revista Bizz.

## de Papel: pra quê?

, editores com celular defasado e  
projetos culturais-governamentais  
ontraído, tentando não culpar a  
RÍVEL DAS COISAS – principalmente se  
sobre a importância de ler para um

ço do Paraná.  
ra cada um.

## ção de Texto Ideológico s Siliconadas Contra o Sistema

Marc Bloch, DJ Mark Marky, Márcio  
a Oficina de Produção de Texto  
rar um organograma do bom texto  
ecer dúvidas saudáveis, xingar quem  
sa, mudar a posição de quem não  
ara a sociedade, desconstruir se  
onsciente de que todo ato é político.

de posts.  
favor.

# RelevO Oficinas

## Minicurso Justificando Arte Ruim

O Coletivo Estética Opressora oferta o minicurso que te ensina a justificar verborragicamente qualquer projeto artístico meia boca, meia bomba e bomba do meia do Boca. Dos haicais preguiçosos a peças com trocadilhos que ninguém quer ver, conheça o método mais eficaz de consolidação artística para sua carreira de motivador de centro acadêmico. Os dois encontros com o Prof. Dr. Boina Bostta permitirão que você conquiste editais e concursos; acuse detratores em seus pontos fracos e, de quebra, culpe o público com maior acidez. Não bastasse tamanho alcance, o minicurso é por si só uma performance: se você não gostar é porque não entendeu. Não há qualquer requisito técnico para se realizar a matrícula.

**Quando:** Amanhã e ontem, pois o tempo é um construto social yankee neopentecostal.

**Duração:** Enquanto acreditarem.

**Vagas:** Sim.

## Palestra Piadas com Bel Peste (com Bel Peste)

Ações extraordinárias requerem pensamentos extraordinários. Pensamentos extraordinários exigem indivíduos extraordinários. Indivíduos extraordinários precisam de ações extraordinárias. Nesta palestra, eleita a melhor do ano pelo Sindicato do Brainstorming, você aprenderá a vencer. Antes disso, aprenderá a aprender. Antes-antes disso, aprenderá a olhar para fora. E para dentro. Agir grande; pensar grande; ser grande – esses são seus eixos norteadores a partir de agora. E de antes. E de depois. A hora é agora, o momento é sempre: desperte o supercérebro em você.

**Quando:** Meeting às 15h; call às 16h; coffee break às 17h; briefing às 18h.

**Duração:** Metade de um TED talk.

**Vagas:** Limitadas. Garanta já a sua e adquira o 'Guia do Empreendedor Maluco: como meu blog de viagens me ensinou a ter um blog de viagens'.

# Messias (ou O Cão)

**Alanna Camargo**

Hoje mesmo, enquanto percorria o Centro, a aura de Curitiba distraiu meus olhos. Resplandeceu como uma aparição duvidosa percorrendo as vias, escorrendo ampla, feito enxurrada, desde a Praça Tiradentes até o calçadão. Quando a percebi, fitava-me vinda do curso oposto de um sinal fechado, que atravessasse no vermelho sem dar conta, apenas para chegar ao outro lado. Então se desfez em uma garoa fina, que atingiu meu rosto confirmando sua plena existência e precisão. Segue-se tudo o que me mostrou e disse.

Clarão! Notei montes de gentes, filas de ir e vir, feito infecção contaminando a avenida: essa gripe só passa com azitromicina! Seus ares tão incertos, forçando ingênuos passos fundos ao chão como quem ensaia alguma segurança. Circulando pelas vitrinas de roupas baratas, batatas fritas caras e vontades sem preço, a marcha ansiosa escaldada em temor, dispositivo de segurança pronto a soar. Guardando o saque, um santo de pés calçados girou banco afora, sem apito. Dentes amarelos, interrogou como enigma: É ali, no falecido cinema, que arrancam o mal do corpo? Ria: Não é pecado? Sumir com algo tão imprescindível? Arranjar o ser em um bocado de fraqueza e humildade, escondendo tudo que há de destaque, tornando-o suscetível de forma irremediável? Declarando empate democrático com os desiguais de orelhas sujas, os quais comem restos mecanicamente separados de pulmão de porco e útero

de vaca. Suspirou. Advogava: O direito de cultivar meus próprios demônios é certamente inalienável! Deixem quieta minha moléstia, seus fracassados! Que coma, beba e trepe meus defeitos, e então repouse sem desonra ou remorso. E lá estão, alinhando os lençóis, tirando a mesa, esfregando a privada, dizendo sim, senhor, e escondendo a inveja cáustica e bestial que os consome. Não tem febre, não tem íngua, não tem bactéria, dona Joana! Vírus é mesmo uma obra do capeta, que não adianta dar remédio nem exorcizar. A compaixão do antídoto apenas dissolve os vermes incuráveis. Sua máxima: A única coisa a fazer por eles é justamente não se tornar mais um desses. Via-se que alguns beijavam seus sapatos.

Flash! A cena em profecia: sete cãesinhos iguais latiram, andaram, sentaram e deram salto mortal. Depois recomeçaram incansáveis, piscando luzes em cor-de-rosa e verde-limão. De brinde, a pilha que brincou na praça o dia todo. Alguns se estatelavam no chão duro, com as patas mecânicas andando em vão. O rapaz, boné, óculos, pantufa, recompunha-os sobre o tecido vermelho. Na cidade há também cavalinhos, grilos saltitantes, molas malucas. Qualquer coisa que pula sozinha. Tudo que se pode querer. Há miniaturas ilegíveis da Bíblia por um e nove nove, também dinossauros de brinquedo feitos mesmo de dinossauros. Há o homenzinho que saltita ao som de palmas, um mistério, nunca comprei. O boneco que gruda

no vidro. O boneco que desce o vidro. O boneco que sobe o vidro. O boneco que não faz absolutamente nada, e então você pode inventar o que quiser com ele. Pode ordenar num grande outdoor que ele lata, ande, sente. Que dê um mortal, que seja um mero mortal, que fuja esperançoso da morte, que morra escravo. Que sinta o peso do desejo com suas mil etiquetas de desconto. Há também o velho que não desce, sobe ou dança. Apenas envolve a árvore com os braços e grita ajuda eu, miudinho! Mas esse é triste e pouco interessante.

Veio por entre as nuvens túrgidas um anjo oxigenado, tomando tocando trombeta. Revolto, mostrou a marcha do guri cortando a bolsa com uma gilete fina que você jogou no lixo depois de fazer a barba. Da rechonchuda hipotireoidea, bochecha avermelhada, comprando pastel: alguém já lhe mostrou o bócio? O vagabundo, fumando os pulmões no banco de madeira, fica a tarde imaginando por que a puta da Marise lhe botou um chifre com aquele barrigudo (quebraria uma garrafa na caveira da desgraçada). Parado em frente ao café, o garboso gerente do magazine. O relógio novo marcando horário de almoço impressiona a gostosinha do terceiro guichê, mas o ponteiro da data parece imóvel. Uma menina com rosto feio e saia curta de lycra laranja, fazendo biquinhos ao segurança da loja, enquanto ele palita o tártaro com as unhas e pensa que prefere as do Passeio, por duas pedras.

Uma magrelinha desajeitada voltando do curso técnico. Seu cortiço são dois cômodos mais a cozinha e o banheiro, o colchão de solteiro estampado de astronauta tem o meio manchado de amarelo. Piás do colégio digladiando com suas gomas de mascar. Ploc! O vendedor de muamba com garantia, freguesa! Olha o rapa, olha o rapa, olha o rapa, e onde é que ele está? Novo recorde nos cem metros rasos de havaiana. O esquizofrênico pregador, gritando ofertas de redenção como forma confortável de aguardar o Apocalipse. As pessoas comuns, irritantes, anômalas, doentes, detestáveis, deformadas. Leprosas mentais. Suas cabeças recheadas da poeira das ruas, da sujeira do ônibus, seus cérebros saturados de produtos de limpeza mil-e-uma-utilidades, as mãos cheirando a água sanitária e cebola, cheirando a porcaria da casa dos outros. Bocas tossindo o sabor “idêntico ao original” de maçaneta, pigarro de fuligem da Cidade Industrial, cigarro do Paraguai, o fígado colorido artificialmente, refrigerante de cola barato. Torcendo pelos números da Mega, para quitar a casa, reformar a Brasília, levar os filhos à cantina da rodoviária velha: pode comê o quanto quis! Quando a sorte nada mais é que um imposto sobre ignorância, que se releva sob os farelos cinzentos da raspinha. Quando o céu que nos cobre ininterrupto é a gratificação por tantos desacertos estúpidos. Grosseiros, tolos. Em sua benção, perguntava: Acredita que

a rainha dos baixinhos usa xampu perolado, dona Joana? Então tome de gole só o frasco de água sanitária! Mas de uma quiboa de verdade, e não essa imitação ruim que a senhora compra.

Uma santa andava depressa pelas listras de basalto da via, seguindo as figuras no chão. Só pode pisar no preto, quase esbarrava em quem se atrevia a tomar sua faixa. Contornou o sanfoneiro cego clamando salvação, desenhando a alameda de ziguezagues, surda por completo. Perguntou-se por que lhe atiravam moedinhas. Quis dizer que pagaria dobrado para que parasse de tocar, mas não pagaria, é claro que não! Mostrou apenas seu coração de rocha, adornado como as calçadas da cidade, e esvaeceu.

Eu, calça escura esquentando no sol que ninguém esperava, esfriando no vento pouco planejado, molhada do dilúvio que ninguém anteviu. O guarda-chuva, que ficou em casa quando a chuva é de tarde, no trabalho quando a chuva é de manhã. Que quebrou quando finalmente posto às intempéries. Em Curitiba, guarda-chuvas são imprescindíveis. Aqui as gotas são molhadas e insuportáveis. Lavam e levam. Esvaziam. Será que, por falta de encher, fiquei soturna como aquele velho escritor? Devia me trancar no apartamento e passar o resto dos dias vivendo de comida entregue? As revistas de delivery se multiplicam feito praga sobre a geladeira, tomam o sofá. Quando chegam a esse ponto, sinto prazer em chutá-las ao chão. Depois junto. Servem de literatura

enquanto aguardo atendimento no call center do cartão ou mesmo para ir ao banheiro pela manhã. Posso planejar o sabor de pizza do jantar enquanto o resto da pizza de ontem não vem. Ciclos, sempre os ciclos. Desde o tempo da minha bisavó, já se passava frio por aqui. A casinha dela, tão despreparada pra virada que o tempo deu, pra frente frígida vinda do sudeste, pra esse inverno que, gurial! tem de colocar duas meias! A soquete de baixo, furada, deve ser posta com cuidado, evitando que o dedinho escape para fora. Por cima, vão carinhas de Mickey simpáticas, e então o chinelo. Em algum momento da infância, minhas meias velhas foram todas parar na gaveta da bisavó, e ela vestia ao mesmo tempo quatro ou cinco pares que os tornozelos magrinhos deixavam escorregar. Bisa na cadeira de balanço sem balançar, reclamando: lápide do inverno Curitiba. Tinha sete anos, encontrei na gaveta dela um pequeno massageador a pilhas. Há tempos curitibanos sabem como esquentar a cama.

Ao longo da Rua XV espalham-se palhaços de cara esburacada, sombras, artistas. Senhores fofoqueiros, mumificados em ternos risca-de-giz, rindo alto suas hiperplasias prostáticas nos cafés da Boca. As sacolas rasgando, jovens escritores vendendo poesias ruins. Estátuas vivas traçam sua rota até a desordem do largo, estátuas de pedra se mantêm cravadas por anos e anos. O centro de Curitiba tem gosto de pipoca murcha com bacon e ratazana. Chamou-

me a atenção uma figura destacada igual cromo especial do álbum: um cachorro, pelos curtos brilhosos de cor marrom, olhos cor-de-mel desenhados em traço escuro, cauda comprida. Do topo de suas quatro patas, sua estatura altiva e séria, focinho extremamente negro, andando pata ante pata, com um sorriso tão bem-aventurado, tão singular! Passeava preso à coleira de couro bege encardido, puxando na outra ponta uma quarentona de cabelo recém-vermelhos despendurando a cinza do careta. Quem sabe estivesse procurando por um advogado divorciado para pagar... um cinema? Um chope no Alemão? Uma plástica? Era uma boa ideia que lhe vinha à cabeça, além de um carro, uma viagem para Caiobá. A vizinha não ia botar olho gordo? E jogava a bituca no chão, com um pisão do sapato brega. Enquanto isso, ele acompanhava interessado as pombas garimpando pipocas entre os pedestres, a água do chafariz esguichando na direção errada, caindo no rosto da donzela que segura a fonte, lavando seus seios. Maroto, sentia vontade de entrar no chafariz sem medo algum da leptospirose, e lambeu o rosto com a língua inocente, satisfazendo sua sede. Queria que a italiana de pernas longas saindo do hotel parasse para afagar sua cabeça, ficando com a mão levemente ensebada, os dedos num deslizar acariciador. Depois, tocando desatenta as lentes dos óculos de acetato tartaruga, talvez borrasse metade do mundo causando vertigem.

E a cidade delatou como milagre, em um triângulo quente de neon: o cão, por seu senso apurado, determinando a pureza das almas. Era sim o juízo final em disfarce! O único naquele espaço a raciocinar: decifrava o universo, com a mais plena consciência de sua distinção. Farejando uma barra de calça apressada e derrubando toda presunção orgulhosa. Rolando na grama entre panfletos, rindo dos que pensam ter instinto. Devo admitir a admiração instantânea que tomou conta de mim, o animal olhando de frente, rosto formoso, dentes brancos, inteligente, lindo. Nesse ponto, já havia me notado também. Então se levantou, mantendo e mantendo o olhar. Desfolhando-me como um repolho, babuska infinita em repetições cada vez menores. E mantendo, e mantendo. Quietamente como uma pérola, fugia à minha competência. Meu entendimento, limitado a felinas e gatunas, não basta para que compreenda um cão. O cão. E ele, assim, foi capaz de me consumir. Eu, gordura fria no prato do churrasco, sobra do almoço, ração. Ração tal qual todo resto.

Balançando suas ancas em passos sensuais, seu caminhar era um bailado, convidando todos ao grande – como dizê-lo sem chocar as duas senhoras tricoteiras que sentam ao fundo do superego? – ao lascivo órgão canino. A questão é que uma simples olhadela no dito, ereto, é capaz de saturar as retinas por uma infinidade de dias. Você já teve um amor proibido? Um amor espiado

pela fechadura? Nunca foi cúmplice de uma barraca armada no verão de Brighton Guaratuba? Jamais se apaixonou por uma fotografia? Ele era o pai, o filho e o espírito, o melhor amigo do homem. A representação exata da dedicação e da cumplicidade, o cão sabia, sabia. O diabo tirado de dentro da gente? Causando às mulheres furor e inveja, desordem, desejo. Homens versus animal: uma batalha, prova de amor, vestibular, par-ou-ímpar, teste de Q.I., jogo de xadrez. Ah, como odeio xadrez! Odeio porque não sei. Apenas porque não sei. E até acredito que me sairia bem, sempre fui boa em imaginar o que o outro pensa que estou arquitetando com base no que ele fez depois do que eu demonstrei, e assim por diante. Meu vício é a Paciência, mas calma nunca tive. Solitaire. Trancada ao quarto, ordenando as cartas, domando-as em fileiras, escravas de minha pretensão. Solitária, sou ás de espadas preso, sufocado pelo rei sem trono, pelo sete sem seis, pelo dois do outro ás que ainda está escondido. Solitária, porque há sempre um novo baralho para se derrotar. Mas não me importavam mais as partidas, apenas o cão me jogando por sobre o tabuleiro, voraz. Ah, o cão me fazendo as vontades, eficiente e prestativo! Jamais se esqueceria de armar o cavalo para resguardar sua rainha. A razão da minha satisfação. Por ele eu sairia à rua, alegre e apaixonada, para exibi-lo como um troféu. Não gaste tempo lambendo a escultura de pedra

cintura acima, seu cachorro! Eu sou coisa inteira de você brincar. (É crime esse nosso afeto amordaçado? Então precisarei de uma reencarnação extra.)

Vinha lento ao meu encontro. De encontro a mim. Com suas (minhas?) estratégias de domínio, ensaiando o despontar. Então se distraiu com uma abelha, latiu algo que não entendi, caçou e mordeu a ponta do rabo. Rodou sete vezes. Depois voltou arfando ao gramado, roçou um pacote vazio, encolheu as pernas e largou, lá mesmo, plateia atenta, suas mais frescas necessidades. Seus excrementos brilhosos e quentes também se faziam primorosos, atraindo as moscas da vitrine de doces da confeitaria da família. Pronto! Ali, todas as culpas escorriam bueiro abaixo com as baratas. Ali se eximiam sonhos luxuriosos, ia apagando o fogo do cigarro do preguiçoso, o trombadinha roubando o relógio novo do gerente, o pastel da gorducha caindo no chão com pedaços de ovo cozido por toda a parte (deviam ver sua cara fofa assustada), a balconista da joalheria quebrando o salto agulha quarenta-e-nove-e-noventa nas pedras mal encaixadas, a criança lambuzenta levando surra por causa da algazarra na loja de departamentos e o pastor pentelhíssimo calando a maldita boca e saindo de cena! Ninguém foi salvo, todas aquelas pessoas solitárias.

Duas e quarenta. O ônibus partia levando raios de angústia à periferia. Aspirei, sem escolha alguma, seus dejetos que subiam como nuvem.

---

## Vladimir Suvorov – Tradução de Marcos Felipe Monteiro

сегодня шел по городу ночью,  
 было темно. минус двенадцать  
 или что-то около того.  
 в снегу лежала женщина,  
 она была пьяна.  
 я подошел, спросил ее:  
 "нужна ли вам помощь,  
 вы ведь здесь совсем одна."  
 женщина увидела меня,  
 сказала, что замерзла  
 попросила отвести ее домой.  
 я взял ее под руку,  
 повел по улице,  
 было темно. минус двенадцать  
 или что-то около того.  
 я шел молча,  
 она остановилась  
 и посмотрела мне в глаза.  
 сегодня у нее умер сын  
 здесь она осталась одна.

Nesse poema, Suvorov disse-me que é sobre  
 um homem que encontrou uma mulher  
 deitada na neve. O filho desta mulher  
 morreu no mesmo dia e nada no mundo faz  
 mais sentido para ela.

в твоей пустой голове  
 как в стеклянной банке  
 видны бутыхающиеся  
 мысли  
 отвратно.  
 в твоей голове  
 собраны цитаты  
 ремарка коэльо  
 брэдбери канта  
 никому не важно  
 содержимое твоей  
 черепной коробки  
 забудь.  
 возьми бритву  
 побрей необходимое  
 большего от тебя  
 ему не надо

Aquí, o autor conversa com uma  
 menina fútil e que só lê Paulo Coelho.  
 Ele diz pra ela o quanto isso é ridículo  
 e que eles somente darão certo se ela  
 mudar essas coisas.

лампа тем круче,  
 чем больше света дает.  
 если ты, лампа,  
 думаешь, что количество  
 комаров и моли,  
 вокруг тебя летающей -  
 есть знак качества,  
 то знай, лампа -  
 это не так.

Neste outro, um homem fala  
 sobre como sua vida está boa  
 e como gosta do seu emprego.  
 Uma espécie de sátira sobre a  
 vida moderna.

# Telefonema

Pedro Carrano

Foi bizarro.

Mais uma vez o telefone fixo de casa disparou, com aquele ruído agudo e insuportável. Eu já havia desligado o celular e o despertador, mas não tive outra opção a não ser me levantar para encarar a luz do sol pela janela enorme da sala. Dez da manhã, o céu estava azul, sem nenhuma nuvem, e eu estourei logo que ouvi o nome e o bom dia da operadora do outro lado da linha. A funcionária me perguntava sobre o pagamento da próxima fatura e o porquê do atraso nas contas anteriores. No meio da fala dela, eu interrompi com um “Escuta”, já me programando para lançar um sermão sobre o péssimo sistema de atendimento da operadora, mas não cheguei até esse ponto. Nem me preocupava tanto, na verdade, com esses detalhes. As contas de luz, internet, celular, condomínio, cartão de crédito, aluguel, plano de saúde, já haviam sido abandonadas há uns três meses. E eu me resguardava na minha toca, animal acuado, à espreita da possível fera do oficial de justiça e sua comunicação de despejo.

Como ia dizendo, eu nem bem completei o meu falso sermão cotidiano quando, numa inédita intervenção, a operadora estourou e começou a me xingar na linha. Grosso, cretino, mal-humorado, filho de uma puta, uma série infundável de palavras que me fizeram desligar o telefone e correr novamente pra debaixo das cobertas, agarrado ao conforto dos meus sintomas de um arrastado início de depressão. Não consegui mais dormir.

Minha aula no curso técnico industrial seria apenas à noite, então eu teria a tarde inteira para não fazer nada. Na condição de professor, meu único vínculo atual com este mundo, já não me preocupava em preparar as aulas e deixava tudo por conta do improvisado e do tal saber acumulado. Na aula, ao mencionar com os alunos o tema das doenças do trabalho, equipamentos de segurança e essas coisas, de repente uma aluna relacionou isso com a história de uma amiga, vizinha de

bairro, trabalhadora do call center da mesma operadora que a minha, que havia tentado suicídio pela terceira vez naquela mesma manhã. Minha aluna reforçava o fato de que, mesmo com a pressão normal neste tipo de trabalho, a amiga precisava continuar lá, fazendo milhares de ligações por dia, escutando todo o tipo de reação em nome das cobranças, anúncios, tentativa de vendas de pacotes promocionais e todo o tipo de coisa que aparecesse.

Não deixei a jovem estender muito o assunto. Parti pra outro tópico da aula e não abri mais o debate. Estremeci. A pressão baixa e a falta de açúcar turvaram meus olhos. Não sei como, mas não desmaiei. Como quem se agarra no primeiro toco de madeira pra se salvar, desandei a falar e vomitar conteúdo, uma enxurrada de conceitos, tentando levar até o final este jogo que não me favorecia. Eu suava frio e voltei pra casa com a pior sensação do universo. Apanhei e pedi trégua pra mim mesmo no que parecia ser o meu último round. Fiquei remoendo a história da telefonista, buscando as várias razões possíveis para que, entre milhares de telefones e de atendentes de telemarketing, eu não tivesse conversado e tratado mal justamente a trabalhadora amiga da minha aluna. O telefone seguiu tocando na minha casa e, a cada som estridente e chato, eu ficava mais tenso, me encolhia ainda mais e o mundo ia parecendo um lugar cada vez mais hostil, fora e agora também dentro da minha própria casa, alvejada pela luz de um inverno quente em Curitiba. Eu não tinha coragem de atender aquelas chamadas, ao mesmo tempo em que me remoía com a possibilidade de ter sido responsável por uma tentativa de suicídio.

Precisei de um banho quente e de muitos exercícios de respiração para ter coragem de dar aula, duas noites depois da revelação da minha aluna. Sequer a encarei na hora de fazer a chamada e, nas outras vezes, quando ela falou em sala de aula, subitamente animada com o que seria um possível vínculo professor e aluno, eu também fui seco e indiferente. Meu medo era que

# Yellow

## Greta Benitez

voltasse a contar a história da amiga dela. Então, retomava a teoria sobre o impacto do assédio moral entre os trabalhadores da comunicação. Mas foi inevitável e, desta vez, ao final da aula, a aluna estava me esperando na hora do intervalo.

– Professor, ela precisa de orientação, não aguenta mais o lance do assédio moral. Eu falei com ela sobre a tua aula e ela se animou. Ela já não sabia mais o que fazer. Eu te mandei uma mensagem no Messenger, você não viu?

Atônito, agora as coisas se invertiam, e da culpa de ter feito mal pra ela, agora a amiga da minha aluna precisava de mim. No desafogo, em meio a um corredor repleto de jovens gritando, cumprimentando, tirando sarro, chutando os traseiros uns dos outros, agendei o encontro para a tarde seguinte, mesmo tendo presente em mim a certeza de que não compareceria. Mas não soube dizer não.

Nem preciso contar a série de reações que experimentei, não aplacadas sequer com uma dose de remédios pra dormir. O telefone não tocou nem uma única vez naquela noite, mas mesmo assim já estava decidido a colocar um fim naquilo tudo. O problema não estava na operadora de telemarketing, telefonista, trabalhadora, ou o que seja. A hipótese do suicídio martelou a minha cabeça das cinco da manhã até às seis e pouco mais ou menos.

Para tentar matar a ansiedade, mandei uma mensagem pra minha aluna explicando que não tinha como a gente se encontrar na parte da tarde. Mas não melhorei nem um pouco. Ela demorou a visualizar a mensagem e sequer respondeu.

Eu oscilava entre a agonia e de outro lado a falta de coragem pra acabar com a minha vida. Encruzilhada antiga.

No último fiapo de bravura que me restava, às nove e quarenta e cinco da manhã, me posicionei em frente ao telefone, frente à mesma janela de sol curitibano do dia da ligação.

E fiquei esperando pra atender a ligação da operadora. E ficarei aqui mesmo até atendê-la novamente.

Após o sonho com o vestido amarelo bordado com pássaros negros  
uma avalanche de pequenos milagros.

Onde está mesmo aquela adaga?

Preciso que alguém me traga a xícara pintada.

Receptáculo-luz-porcelana

Espectáculo-paz-insana.

A bebida exótica de flor de maracujá está esperando para ser consumida

e não há tempo nem paciência-ciência inacessível.

É já.



# “Desses versos encontrar minha luz”: Nathalia Picoli

da Redação

Divulgação



Aos 20 anos, a cantora e compositora Nathalia Picoli procura cantar o que a canção pede para se cantar: “Sempre quero passar emoção no que interpreto”, define.

A admiradora de Sabotage, R20 e Amy Winehouse, toca desde os três anos, quando ganhou uma bateria de presente da família. A carreira mais profissional começou aos 16, tocando em bares e festas de amigos. “Meu som passa pelo rock, MPB, reggae e rap. De uns tempos para cá, tenho puxado mais para o soul”, alega a moça nascida em Ourinhos e radicada em Curitiba desde 2014.

Nathalia começou a tocar regularmente no Bardo Tatára em novembro de 2015. “Ele é muito importante para mim. Não existe

lugar no mundo igual ao Tatára. A partir daqui, conheci muita gente e surgiram projetos muito bacanas na minha vida”, reconhece.

A vibe sonora da cantora passa um bom tanto por sua força ideológica. Admiradora dos filmes de Cheech & Chong, ela defende abertamente a legalização da maconha e expressa suas opiniões a partir de tatuagens e letras, em temas que vão da sexualidade ao panorama político contemporâneo. “Faço o que dá na telha”, define. “Muito de minha obra é autobiográfica”.

Entre projetos de tocar em mais lugares e aprimorar os seus trabalhos, Nathalia admite um grande objetivo na vida. “Quero tocar com o Criolo. É o meu sonho”, completa.

[facebook.com/nathypicoli](https://www.facebook.com/nathypicoli)

# A brasilidade de Caeté Pretô

da Redação

Divulgação



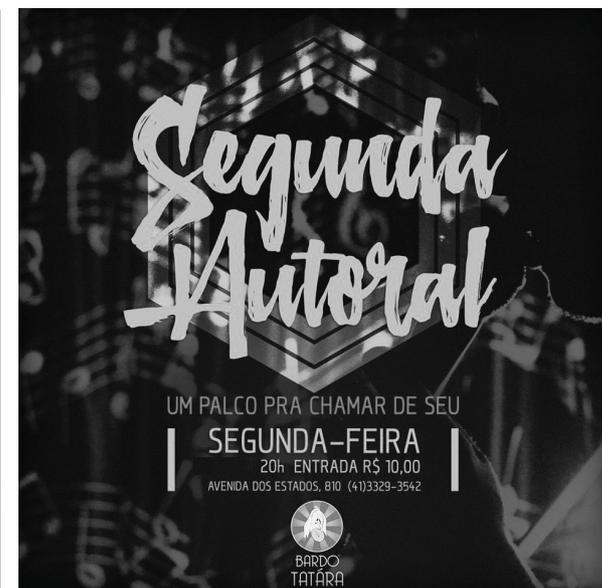
[facebook.com/caete.preto.9](https://facebook.com/caete.preto.9)

Teatro e música se fundem na trajetória de Caeté Pretô, um dos mais conhecidos músicos do cenário cultural curitibano. Filho de pais ciganos ligados ao teatro mambembe, o cantor de 52 anos iniciou sua formação musical com a família, que tocava nas companhias itinerantes. “Minha mãe cantava e tocava guitarra. Lembro-me dela, na infância, em seu fogão de barro, cantando Dolores Duran e Maria Creusa”, recorda. “Na sala de casa, meu tio sapateava ouvindo música flamenca”.

Caeté toca desde os anos 1980. Sua rotina é voltada exclusivamente à música. “Eu durmo de 5 a 6 horas por dia. Acordo, escrevo, toco, me aprimoro”. Atualmente, toca regularmente no Bardo Tatára, onde

apresenta a base mais tradicional da música popular brasileira, como Zé Ramalho, Edu Lobo, João Bosco, Cartola, Djavan e Caetano Veloso. “Acredito muito no poder da música e na ideia de dom. Deus te manda o tom”, define. “Não tenho ídolos”.

Em suas buscas musicais, “aliás, não sei o que seria se não fosse músico”, Caeté admite gostar do que está sendo produzido atualmente, mas sem deixar de ouvir alguns nomes que são fundamentais em seu desenvolvimento musical. “Sempre tive a sorte de ter amigos músicos me dando uns toques. Gosto muito de Glauco Solter, Yamandu Costa e Waltel Branco. A vida é viver e aprender”, acredita. “Quero seguir fazendo o meu trabalho”, completa.



# Novo tédio

Dan Porto

Nojo era o que eu sentia do cheiro do suor dela. Ao mesmo tempo aguçava a minha curiosidade. E, por último, me excitava tremendamente. Quando ela se mexia na cadeira parecia que dançava. E aquele cheiro doce e quente me invadia. Estávamos a uma distância de três metros, talvez, mas certo dia a circunstância me obrigou a trabalhar sob a axila dela.

Era uma mulher de quarenta anos, aparentando trinta, que jamais havia olhado para mim. Jamais havia olhado e continuava sem olhar. Fazia-se dela suposições que a mim jamais interessaram, mas ela não sabia disso.

Quando falava, exigia. Quando respirava, morria. Quando se mexia, matava aos poucos cada um de nós. Como podia aquela mulher permitir que sentíssemos o cheiro de seu suor? Eu passava as noites com aquele cheiro a rolar pela mente como se estivesse impregnado nas paredes da minha casa, esperando o dia seguinte para confirmar que era mesmo dela. Era um cheiro que não combinava com a roupa que ela vestia, com o cabelo ou o lugar em que trabalhávamos, aquilo não combinava com ela. Eu sofria com a possibilidade de encontrá-la no dia seguinte e tentei mesmo me afastar dela, mas foi impossível. De onde será que ela cheira assim?

À tarde ela passou e o frio daquele cheiro me fez tremer. Passou-me pela cabeça a remota possibilidade de vasculhar o corpo dela à procura da origem daquele odor. E se viesse de entre as pernas, o que eu faria? Caso viesse das axilas eu as lamperia e as deixaria com um cheiro mais agudo e mais fraco. Mas se viesse de entre as pernas eu não saberia o que fazer.

Mas, de tudo, o que mais valia era descobrir aquela mulher a quem ninguém ali conhecia. Ninguém ali conhecia, mas cogitavam as bocas isso e aquilo, batendo com as línguas

nos dentes e os olhos se arrastando de ponto a ponto. Dos homens excitados, e algumas mulheres também, nasceram muitas ideias, mas nenhuma cabia nela.

Eu perguntei. Um e outro também. Por que uma gota dela comicha a sola dos nossos pés? Comicha a sola dos meus, dos do Arnaldo, da senhorita R. C. e do G., que trabalha em outro setor? Parece que a distância não impede o cheiro dela de andar.

E se ela parar no meio do meu quarto, nua, com os braços abertos e com as pernas abertas e das suas axilas peludas pingarem gotas de suor? Gotas tão grandes capazes de marcar o carpete do chão.

Eu sonhei que ela e a senhorita R. C. estavam nuas sobre a cama em frente a uma janela grande e gemiam. Gemiam e a senhorita R. C. tinha os olhos fechados enquanto, por cima, a outra sorria e pingava suor de todos os pelos do corpo. Fora uma cena linda que só acabou com o nascer do Sol.

\*\*\*

Penetrei dois dedos nela. Depois a língua. E depois a língua e dois dedos. Ela gozou tantas vezes quanto durou a minha ira misturada com a excitação.

Havia gozado com a cabeça apoiada no tapete e as costas na lateral da cama, em arco, quando pediu, ou melhor, mandou que eu parasse. Estava com as pernas abertas e eu tinha as duas mãos dentro dela.

\*\*\*

Uma semana depois, era uma segunda-feira, eu a coloquei para irrigar o jardim. Deixei-a lá, à noite, com os braços abertos e as pernas abertas. Completamente nua. Ela suave e pingava o suor na terra do meu jardim. Passou a nascer rosas. Rosas suculentas e perfumadas. Rosas que eu vendia e com o dinheiro comprava vestidos. Vestidos que ela usava para posar para as capas de revistas. Revistas que ninguém lê.

# A revolução que esbarrou no Paraná

**Diego Antonelli**

Ao convocar o veterano da Guerra do Paraguai, coronel Gomes Carneiro, para o campo de batalha, o então presidente Marechal Floriano Peixoto certamente não se arrependeu. A ordem era conter o avanço da Revolução Federalista no sul do Brasil. Em cinco dias, ele chegou à região e tornou-se um dos protagonistas da história.

Era novembro de 1893 e a tropa revolucionária já avançava em direção ao Paraná. O objetivo era chegar à capital brasileira da época, Rio de Janeiro, e derrubar o governo de Floriano. Os rebeldes também lutavam contra o governador do Rio Grande do Sul, Júlio de Castilhos. Os três estados do Sul tornaram-se palco de um derramamento de sangue que deixou de 10 mil a 12 mil mortos entre 1893 e 1895. Foi uma das mais sangrentas batalhas em território nacional. Perto de 1,2 mil pessoas foram degoladas. Como não havia forma de manter os adversários como prisioneiros, a degola era uma forma de execução rápida, barata e cruel.

Os federalistas ganharam ânimo ainda no primeiro ano do conflito. Na capital nacional, eclodia a Revolta da Armada, sob a liderança do almirante Custódio de Melo, que

também tinha como inimigo comum Floriano Peixoto. A Marinha – ou Armada, como era chamada – defendia a monarquia. Depois de algumas trocas de tiros com o Exército, os revoltosos seguiram para o sul do país. Desembarcaram na atual Florianópolis, chamada na época de Desterro, e – à revelia – proclamaram a cidade como uma nova capital do país. Os interesses fizeram com que as duas revoltas chegassem a se unir, principalmente por parte de Custódio de Melo.

Assim, juntaram forças para derrubar Floriano. Pelo mar, Custódio de Melo foi responsável pela tomada de Paranaguá, que aconteceu em janeiro de 1894. Pela terra, Gumercindo Saraiva, um dos líderes federalistas no Rio Grande do Sul, avançou em direção à capital do Paraná.

## O Cerco da Lapa

Nessa época, a situação do Paraná estava um caos. Com o avanço dos rebeldes, o então governador do estado, Vicente Machado, tinha fugido de Curitiba. Carneiro tinha a missão de conter os federalistas na Lapa. Se passassem rapidamente pela cidade, acreditava-se que não tardaria para os rebeldes chegarem até a capital do

Brasil, e tirar Floriano da presidência.

Lembrando-se das palavras confiadas a ele pelo próprio presidente da República, Gomes Carneiro deixou suas tropas a postos. A qualquer momento os maragatos, como eram chamadas as tropas “rebeldes” da Revolução Federalista, poderiam atacar a cidade de Lapa. Era dezembro de 1893 e Carneiro acabava de assumir o posto no lugar do general Francisco de Paula Argolo.

Foi em janeiro de 1894 que os maragatos chegaram ao Paraná e atacaram pelo mar e por terra. Quase que ao mesmo tempo em que Paranaguá e Antonina se rendiam, Tijucas do Sul e Lapa sofreram as ofensivas dos maragatos. Entre os dias 11 e 12, 1,5 mil homens das tropas de um dos líderes federalistas Gumercindo Saraiva atacaram Tijucas do Sul, defendida por 400 homens. Em menos de uma semana, a cidade foi capitulada.

Na Lapa, no dia 14, já havia ocorrido a primeira troca de tiros contra os maragatos. Mas foi no dia 17 que um grande combate deu início ao chamado Cerco da Lapa. Foram 26 dias em que ninguém entrava e ninguém saía da cidade. Um verdadeiro rio de sangue

correu pelas vielas lapeanas. O pesquisador e chefe de divisão de museus da cidade, Abelardo Padilha Neto, conta que antes das batalhas se intensificarem um trem foi disponibilizado para que mulheres e crianças não ficassem no município. “Mas elas ficaram e atuaram como cozinheiras e enfermeiras”.

O coronel Carneiro contava com apenas 940 homens, poucas armas e ainda enfrentava outro obstáculo, a falta de alimentos. As tropas dos maragatos fizeram um verdadeiro cerco à cidade. Carneiro e sua tropa, chamados de pica-paus (chamados assim devido ao uniforme azul e o barrete vermelho), resistiram aos ataques dos 3 mil combatentes comandados por Gumercindo Saraiva – dos quais muitos haviam lutado na Guerra dos Farrapos.

O cemitério estava tomado pelos maragatos, o que impossibilitou o enterro das vítimas. Epidemias das mais diversas doenças se alastraram pela Lapa. “A cidade cheirava a carniça”, conta Padilha.

